

Construção do saber na Contabilidade: um debate sobre estilos de aprendizagem e metodologias ativas

Construction of knowledge in Accounting: a debate on learning styles and active methodologies

Recebido: 03/01/2023 - Aprovado: 20/03/2023 - Publicado: 01/04/2023
Processo de Avaliação: Double Blind Review

Gustavo Henrique Dias¹

RESUMO

A partir dos avanços no debate sobre o processo de ensino-aprendizagem e suas novas configurações, esta revisão bibliográfica buscou apresentar a holística das metodologias ativas no processo educacional. Inseriu-se nessa discussão as características individuais que podem sugerir diferentes preferências na aprendizagem, destacando estilos de aprendizagem. A fim de trazer um panorama geral sobre os estudos de estilos de aprendizagem, foram apresentados alguns modelos sob os quais esses estilos podem ser expressos. Além disso, foi estabelecido um vínculo entre as metodologias ativas e os estilos de aprendizagem. A partir dessa relação construída, foi realizada uma breve revisão de estudos sobre metodologias ativas e estilos de aprendizagem aplicados ao ensino contábil brasileiro. Os resultados mostraram que, embora haja complexidade nesse cenário, têm sido feitas tentativas de inclusão de metodologias ativas no ensino de ciências contábeis no cenário brasileiro. Estudos têm analisado os efeitos dos estilos de aprendizagem dos alunos e professores, assim como os métodos de ensino utilizados, e evidenciaram a importância de considerar os estilos de aprendizagem no planejamento de estratégias de ensino. A adoção de metodologias ativas mostrou-se influente no desempenho dos alunos, e estratégias como trabalho em grupo, leitura dirigida e aula expositiva foram consideradas eficazes na aprendizagem. Espera-se que esta revisão possa auxiliar no entendimento dos conceitos relacionados aos temas aqui discutidos e criar reflexões para fomentar o planejamento e possível adoção de metodologias ativas no ensino superior em ciências contábeis.

Palavras-Chave: Estilos de Aprendizagem. Metodologias Ativas. Ensino-Aprendizagem. Ciências Contábeis.

ABSTRACT

Based on advances in the debate on the teaching-learning process and its new configurations, this bibliographic review sought to present the holistic view of active methodologies in the educational process. Individual characteristics that may suggest different learning preferences were included in this discussion, highlighting learning styles. To provide an overview of learning styles studies, some models were presented about these styles and how they can be expressed. Furthermore, a link was established between active methodologies and learning styles. Based on this constructed relationship, a brief review of studies on active methodologies and learning styles applied to Brazilian accounting education was carried out. The results showed that, despite the complexity in this scenario, attempts have been made to include active learning methodologies in the teaching of accounting in the Brazilian context. Studies have analyzed the effects of students' and teachers' learning styles, as well as the teaching methods used, and have highlighted the importance of considering learning styles in the planning of

¹ Doutorando em Controladoria e Finanças pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. Brasil.
Email: gustavohediso@gmail.com

teaching strategies. The adoption of active learning methodologies has been shown to have an influence on students' performance, and strategies such as group work, guided reading, and expository lectures have been considered effective in learning. It's expected that this review can help in understanding the concepts related to the topics discussed here and create reflections to encourage planning and possible adoption of active methodologies in higher education in accounting.

Keywords: *Learning Styles. Active Methodologies. Teaching-Learning. Accounting.*

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo essencial para qualquer ser humano, em diversos aspectos de sua existência, seja para as culturas ou para o sucesso dos sistemas educacionais (Dantas & Cunha, 2020). Os estudos sobre o processo de aprendizagem vêm sendo desenvolvidos há cerca de um século por psicólogos, e mais atualmente tem-se buscado compreender como o fenômeno acontece a partir de uma ótica educacional (Ormazábal, Borotto & Astudillo, 2021).

O papel de professores e professoras para o processo de ensino é considerado fundamental já há algum tempo na literatura, uma vez que eles se tornam responsáveis pelo ritmo, conteúdo e sequência das aulas (Baumann, 1988). Assim, habilidades pedagógicas têm se tornado essenciais aos professores, que perpassa, muitas vezes, uma formação e preparação docente no âmbito universitário muitas vezes precário ou desatualizado tecnologicamente (Silva, 2018). Esse ambiente tecnológico e de transformação mudou o perfil dos alunos e as formas de se ensinar, sugerindo a aplicação de metodologias ativas nas salas de aula (Barbosa & Moura, 2014).

Além da importância do professor e das estratégias que são utilizadas no processo de ensino, há também que se considerar as habilidades individuais dos alunos de integrar informações do ambiente para as representações internas (Smallwood, Fishman & Schooler, 2007). Essas características individuais dos alunos são interpretadas pela literatura principalmente a partir de estilos de aprendizagem, que correspondem às formas individuais de se processar informações que são recebidas durante a aprendizagem (Costa, Souza, Valentim & Castro, 2020).

Essas características do processo de ensino-aprendizagem afeta todos os âmbitos no contexto da educação formal. E com o ensino de Ciências Contábeis não é diferente. Na verdade, essas preocupações podem ser até intensificadas para o ensino e a profissão contábil, os quais são compostos por particularidades que os tornam complexos, principalmente devido

às mudanças tecnológicas, burocráticas e normativas que vêm ocorrendo nos últimos anos (Nolli, Giordani, Domingues & Zonatto, 2019).

Dado esse contexto que reflete no processo de ensino-aprendizagem, esta revisão bibliográfica visa responder: *Quais as principais construções sobre as metodologias ativas de ensino?* Assim, o objetivo das reflexões deste trabalho é apresentar as conceituações sobre metodologias ativas e seu contexto de utilização. Esse contexto do processo de ensino-aprendizagem alcança os estilos de aprendizagem, que também serão discutidos no decorrer deste documento. Adicionalmente, objetiva-se difundir estudos realizados no ensino contábil brasileiro e que discorram sobre esses assuntos.

Espera-se que este material consiga contribuir para a discussão sobre o tema de forma emergente, trazendo aspectos conceituais e metodológicos sobre aplicação de metodologias ativas em sala de aula, bem como da aplicação de métricas de avaliação de estilos de aprendizagem. Considera-se importante instigar as discussões sobre as possibilidades de direcionamento da atuação do docente em sala de aula, principalmente quando aplicados os conceitos ao ensino de Ciências Contábeis no Brasil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. METODOLOGIAS ATIVAS EM SALA DE AULA

A educação formal passou, e continua passando, por diversas mudanças, advindas da sociedade, que fazem com que os espaços de aprendizagem e metodologias de ensino-aprendizagem precisem ser revistos (Moran, 2015). A evolução tecnológica e social traz a transição de um modelo de educação centrado no ensino para um modelo centrado na aprendizagem, o que envolve mudanças culturais, (re)criando uma revolução metodológica (Moya, 2017).

Esse desafio de recriar os ambientes de ensino e buscar a geração de novos conhecimentos, que surgem constantemente, têm levado as instituições de ensino a buscar inovações pedagógicas e metodologias ativas de ensino (Lima, Martins & Ferreira, 2020).

Alguns autores podem considerar que os estudantes são envolvidos de forma ativa mesmo quando assistem à uma aula tradicionalmente expositiva, mas estudos cognitivos mostram que, para haver uma aprendizagem efetiva, é necessário que o aprendiz faça algo além de ouvir (Barbosa & Moura, 2014). Nesse processo ativo de aprendizagem, o professor assume um papel diferente de expositor de conteúdo, passando a ser um facilitador ou orientador da aprendizagem em sala de aula (Berbel, 2011).

Assim, uma aprendizagem ativa caracteriza-se pela mudança na ênfase do processo de ensino, de centrado no professor que detém conhecimento para comunidade que aprende, composta por professores e alunos (Lima, Martins & Ferreira, 2020). Isso significa que o aluno interage com o estudo, a partir da interação, questionamento de hipóteses ou busca pela construção do conhecimento (Nascimento & Feitosa, 2020).

Em um ambiente de informações escasso, parece fazer sentido o foco no ensinamento pelo professor (Moran, 2015), mas em um ambiente marcado pela informação por diversos canais de comunicação, a abordagem tradicional de ensino pode tender ao fracasso (Pozo, 2016). Assim, as tecnologias de multimídia digital tornaram-se parte integrante da vida cotidiana, oferecendo uma gama de informações, oportunidades e recursos de aprendizagem, que moldaram os ambientes de ensino (Moser & Zumbach, 2018).

Nesse cenário, de aluno como protagonista da construção do conhecimento, diversas são as metodologias ativas que surgiram ao longo dos anos, podendo ser citadas como exemplo: aula expositiva, visita técnica, grupo de verbalização e grupo de observação, debate, seminário, estudo de caso, *Problem-Based Learning*, filmes, técnica teatral, *Role-Play*, *Storytelling*, painel integrado, prática de campo, dentre outras.

Uma das metodologias ativas que ganhou atenção aparentemente especial (Stanley & Marsden, 2012) foi a metodologia de *Problem-Based Learning* ou PBL. A PBL consiste em transformação de temas de estudo em problemas, que devem ter suas causas e resoluções buscadas pelos alunos (Gwee, 2009). Apesar disso, na área de negócios parece ter havido pouco uso dessa abordagem para o ensino, especialmente de ciências contábeis (Stanley & Marsden, 2012).

Perspectivas e aplicações de metodologias ativas emergentes em disciplinas do curso de ciências contábeis no Brasil foram organizadas em obras por Leal, Miranda e Casa Nova (2017) e mais recentemente por Nogueira, Leal, Miranda e Casa Nova (2020). A partir da perspectiva de um ambiente virtual e uma possível nova geração de alunos, Nogueira *et al.* (2020) buscam trazer contribuições de alguns autores sobre metodologias ativas de ensino com aplicações na área de ensino contábil e correlatas. Dentre as metodologias ativas sugeridas, são abordadas: *Design Thinking*, aprendizagem cooperativa, sala de aula invertida, ensino embasado na estrutura conceitual, portfólio, gamificação e jogos, fórum e lista de discussão e projetos interdisciplinares.

Uma categorização de algumas metodologias ativas pode ser observada na Tabela 1, apresentada por Nagib e Silva (2020) com seus respectivos objetivos.

Tabela 1 – Categorização das Metodologias Ativas

Categorias	Metodologias Ativas	Objetivos
Uso da arte	Storytelling	Essa metodologia tem a capacidade de buscar a atenção do aluno a partir de relatos reais ou fictícios. Pode estimular a criatividade, uma vez que o aluno pode ser o criador de histórias.
	Dramatização	Procura trabalhar a criatividade dos alunos, colocando-os em situação ativa na criação de roteiros e encenação. Desenvolve a capacidade de improviso e memorização.
	<i>Rolleplay</i>	Busca criar um ambiente de simulação no qual os alunos assumem papéis externos (jogos de papéis) à sua realidade. Essa técnica procura estimular a criatividade, a interação e a socialização, além de desenvolver a memorização.
	Filmes	Essa metodologia busca trazer para a sala de aula a representação da teoria estudada por meio de filmes em que são apontadas situações reais ou fictícias, que tangibilizam o que já foi estudado em sala de aula.
Estratégias baseadas na exposição	Aula expositiva dialogada	É a evolução da sala de aula tradicional, em que o conhecimento é criado pelo professor e o aluno em constante diálogo, mesmo que o professor seja responsável pela explanação do conteúdo.
	Seminários	Essa metodologia coloca o aluno como o maior responsável pela criação do conhecimento de determinada temática, uma vez que o torna responsável pela apresentação de um conteúdo para os colegas.
	Sala de aula invertida	Esse método é capaz de trazer para o ambiente acadêmico o uso de tecnologias. Para tal, a sala de aula é transformada no ambiente de resolução de exercícios e de tirar dúvidas. Fora da sala de aula, via internet, o aluno irá assistir às videoaulas disponibilizadas com o conteúdo teórico.
Problematização	<i>Problem-Based Learning</i>	Busca trabalhar o raciocínio lógico, o pensamento crítico para trilhar a solução de um problema proposto pelo docente. É uma técnica que permite que a solução seja apresentada ao longo dos semestres, ou seja, uma construção do conhecimento crescente e faseada.
	Método do caso	Esse método visa a aproximar o aluno de casos reais ou fictícios, criando, assim, um ambiente de discussão acerca da problemática apontada pelo tema.
Dinâmicas	Grupo de verbalização e observação	É uma metodologia de dinâmica de grupos que visa a distribuir os alunos em dois grupos. O grupo de verbalização é responsável pela discussão acerca da temática proposta pelo docente. O grupo observador realiza anotações e apontamentos do que foi discutido.
	Painel integrado	Propõe a promoção da aprendizagem de forma interativa, além de ser uma forma de estimular o aluno a trabalhar em grupo.
	Debates	Essa metodologia é responsável por criar um ambiente de discussão controlada, no qual os alunos são divididos em grupos de acordo com seu posicionamento acerca de uma temática. Desenvolve nos alunos a exposição de ideias e respeito às opiniões diversas.

Fonte: Adaptado de Nagib e Silva (2020).

Com todas essas novas tecnologias e possibilidades de ensino-aprendizagem disponíveis, o que se vê, cada vez mais, é a relevância da experimentação e questionamento dos alunos para que se tenha uma aprendizagem mais ampla e profunda, apesar de a abordagem tradicional também ser importante e, muitas vezes, viável (Moran, 2018). Assim, utilizar apenas

uma abordagem de ensino pode levar o professor a desconsiderar essas mudanças das realidades dos alunos, podendo levar a ineficiências nesse processo de aprendizagem (Coimbra, 2017).

As mudanças no ambiente de ensino, e as alterações das formas de trabalho docente e de aprendizagem dos alunos, foram especialmente rápidas a partir do início de 2020, quando se viu o mundo em inteira desordem devido à pandemia que isolou pessoas e países, fisicamente e socialmente. Esse novo contexto modificou a educação e criou uma necessidade de rápida e urgente adaptação dos espaços educacionais e de ferramentas de ensino (Nogueira *et al.*, 2020).

Nesse contexto, pode-se perceber que o ensino formal passa por mudanças no que diz respeito aos mecanismos e metodologias subjacentes ao processo de aprendizagem. Assim, considera-se amplamente aceito que as pessoas usam meios diferentes para aprender e têm preferências por diferentes estímulos que podem facilitar esse processo de aprendizagem (Dantas & Cunha, 2020). A essas características que tornam os indivíduos mais próximos, ou mais distantes, de um tipo ou outro de preferência de aprendizagem, a literatura atribui o conceito de Estilos de Aprendizagem.

2.2. ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Desde o início do século XX começaram a ser desenvolvidas pesquisas com o foco em diferenças individuais no processamento e organização de informações e experiências (Smith, 2001). Já a partir da década de 1960, pesquisas sobre estilos cognitivos no ambiente educacional fizeram emergir um novo termo: estilos de aprendizagem (Pupo & Torres, 2009).

O número de estudos e de áreas de aplicação dos estilos de aprendizagem apresentaram grande crescimento até o início dos anos 2000 (Cassidy, 2004), com pelo menos 70 teorias ou abordagens sobre os estilos de aprendizagem tendo sido desenvolvidas (Coffield, Moseley, Hall & Ecclestone, 2004). E continuaram a crescer também nos últimos anos (Dantas & Cunha, 2020).

Dada o grande volume de pesquisas desenvolvidas sobre os estilos de aprendizagem, não há uma definição única. Kolb (1984) define estilos de aprendizagem como formas pessoais de processar informações, sentimentos e comportamentos em situações de aprendizagem. Alonso, Gallego e Honey (2002) descrevem os estilos de aprendizagem como aspectos cognitivos, traços afetivos e fisiológicos usados para entender como os alunos percebem, interagem e respondem ao ambiente de aprendizagem. Simplificadamente, Messick (1984) destaca os estilos de aprendizagem como diferentes formas de um aluno aprender. Apesar das diferenças, observa-se que os estilos de aprendizagem representam a forma como cada pessoa

assimila e processa informações recebidas, representando o processo de como uma pessoa aprende algo.

Todas essas definições e abordagens criadas ao longo dos anos se expressam, em grande parte dos casos, em questionários aplicados para identificar os estilos de aprendizagem dos alunos (An & Carr, 2017). Esses diversos modelos propostos apresentam especificações próprias que exprimem características e separações de acordo com as formas de aprendizagem do indivíduo. A seguir serão tratados alguns desses modelos.

O *Myers-Briggs Type Indicator* ou MBTI é um questionário baseado na teoria junguiana que identifica como os indivíduos percebem o mundo e tomam decisões. O MBTI foi originalmente criado por Katherine Cook Briggs e sua filha Isabel Briggs Myers na década de 1940, mas tendo sido publicado em 1962, e analisa como os indivíduos focalizam sua atenção e energia, como acontece a coleta de informações ou a tomada de decisões, como percebem a realidade ou suas vivências (Penzias, 2020). Após o preenchimento das questões, a pessoa é enquadrada em um dos dezesseis tipos de personalidade ou preferências distintas.

Analisando uma série de experimentos, Schmeck, Ribich e Ramanaiah (1977) criam uma métrica de estilos de aprendizagem, a qual sofreu alterações ao longo dos anos, mas que gira em torno de quatro estilos de aprendizagem distintos, classificados em quatro escalas: processamento profundo, processamento Elaborativo, retenção das informações e estudo metodológico (Cerqueira, 2000).

O modelo de estilos de aprendizagem de Kolb (1984) é apoiado pela Teoria da Aprendizagem Experiencial, em que o autor reconhece a aprendizagem como processo de criação de conhecimento a partir da transformação da experiência. Assim, o modelo estrutural proposto por Kolb (1984) apresenta um ciclo de aprendizagem experiencial, que pode ser explicado a partir de quatro fases (Dantas & Cunha, 2020):

- Experiência concreta (sentimento): contato com problemas concretos a serem resolvidos, baseados em conhecimento de mundo acumulado e estruturas mentais já desenvolvidas;
- Observação reflexiva: ação interna de identificação de características; agrupar e organizar informações, estabelecer conexões, buscar conceitos semelhantes, analisar informações que contribuam para a solução do problema.
- Conceituação abstrata (pensar): formação e generalização dos conceitos, a partir da comparação com realidades semelhantes, o que resulta na síntese de conhecimentos sobre o problema.

- Experimentação ativa: aplicação externa das experiências sentidas, refletidas e conceituadas nas fases anteriores do ciclo.

A combinação desses ciclos dá origem aos estilos de aprendizagem de Kolb (1984), posteriormente desenvolvidos por meio de diferentes métricas. Os estilos de aprendizagem ficam, então, divididos entre: a) divergente, com preferência por estímulos visuais e situações concretas; b) assimilador, que lidam mais facilmente com análises, explicações, teorias e textos; c) convergente, voltado para tarefas práticas e raciocínio dedutivo para resolução de problemas; e d) acomodador, com preferências para fazer planos, projetar o futuro, criar perspectivas para as situações (Cerqueira, 2000; Datas & Cunha, 2020).

Outro modelo baseado na teoria junguiana é o de Keirsey e Bates (1984), que apresenta testes semelhantes ao MBTI em dimensões, que resultam em dezesseis estilos de aprendizagem divididos em quatro perfis: artesãos, pessoas ativas, que assumem riscos e precisam ser encorajadas; guardiões, são indivíduos responsáveis, realistas, determinados, normativos, protetores, prestativos e leais; racionais, são quietos, de temperamento equilibrado, independentes e curiosos; e idealistas, não gostam de ser criticados, mas são capazes de entender emoções e pessoas emotivas (Gungor, Kurtb & Ekicic, 2014).

Buscando também identificar os estilos de aprendizagem, Felder e Silverman (1988) propõem o dimensionamento desses estilos, considerado o processamento, percepção, retenção, compreensão e organização do conhecimento. Após reformulações da escala de avaliação desses estilos de aprendizagem, Felder e Soloman (1991) formulam o *Index of Learning Styles Questionnaire* ou ILS, que avalia pares de estilos de aprendizagem, como sensorial *versus* intuitivo, visual *versus* verbal, ativo *versus* reflexivo e sequencial *versus* geral.

Observa-se que, apesar das diferentes origens de alguns modelos sobre estilos de aprendizagem apresentados, há similaridades entre eles. Além disso, ressalta-se que nenhum estilo de aprendizagem é melhor que outro, mas sim dizem respeito sobre o processamento cognitivo de informações que são apresentadas de maneiras diferentes (Cerqueira, 2000). Esses estilos de aprendizagem são influenciados por vários fatores, externos e internos, como os processos mentais dos indivíduos ou o desenho ou metodologias de ensino dos ambientes de aprendizagem (Moser & Zumbach, 2018).

Dessa forma, conforme ressaltam Felder e Brent (2005), características individuais como a origem, pontos fortes e fracos, interesses, níveis de motivações ou técnicas de estudo podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem. Diferentes métodos de ensino, como foi debatida a relação de metodologias ativas, também têm potencial para influenciar esse processo,

ou seja, a compatibilidade entre os atributos do aluno e as metodologias utilizadas pelo professor é importante para determinar quanto um aluno aprende (Felder & Brent, 2005).

Nesse contexto, cada indivíduo desenvolve uma forma diferente de aprender e, por isso, é tão importante que os professores conheçam os alunos, permitindo a diversificação das formas de ensinar em sala de aula, possibilitando trabalhar diferentes estilos de aprendizagem (Costa *et al.*, 2020). Não conhecer esses diferentes estilos de aprendizagem pode fazer com que as informações transmitidas pelo professor não sejam entregues de fato aos alunos, gerando também ineficiências no processo de ensino-aprendizagem (Silva & Oliveira Neto, 2010).

3. METODOLOGIA

O artigo baseia-se na pesquisa bibliográfica com revisão de estudos, pesquisas e autores que tem corroborado para o entendimento sobre a atuação das metodologias ativas cada vez mais presentes nas salas de aulas. Há alguns anos, órgãos internacionais de contabilidade vêm solicitando o desenvolvimento de habilidades pessoais e interpessoais dos alunos de ciências contábeis, ressaltando a importância de se compreender os estilos e preferências de aprendizagem desses alunos (Duff, 2004). Apesar disso, Duff (2004) salienta que identificar uma estrutura adequada para entender como a aprendizagem acontece no contexto dos alunos de ciências contábeis não parece ser uma tarefa muito simples.

As particularidades complexas do ensino e da profissão contábil no Brasil trazem uma série de transformações referentes à expansão da área no ensino superior e do aumento de cursos de pós-graduação, além do aspecto prático de adoção de normas internacionais de contabilidade (Nganga, Botinha, Miranda & Leal, 2016; Nolli *et al.*, 2019). Apesar dessa complexidade, tentativas vêm sendo feitas para estudar a inclusão de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem em cursos de ciências contábeis no Brasil.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando os impactos dos estilos de aprendizagem dos alunos e professores e estilos das disciplinas no desempenho acadêmico dos alunos de um curso de graduação em ciências contábeis no Brasil, Silva e Oliveira Neto (2010) aplicam o questionário de Felder e Soloman (1991) a 194 alunos e 29 professores. Os resultados sugerem que o perfil dos alunos é predominantemente ativo, sensorial, visual e sequencial, enquanto os dos professores é reflexivo, intuitivo, visual e sequencial. A partir desses resultados, os autores conseguiram identificar impacto desses estilos no desempenho acadêmico dos alunos.

Já estudando os métodos de ensino utilizados nos cursos de ciências contábeis e administração da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Madureira, Succar Junior e Gomes (2011) analisam a aplicabilidade dos métodos existentes na instituição, bem como a opinião dos alunos com relação a esses métodos. Os autores evidenciam que há pouca utilização de práticas que sejam condizentes com a necessidade e interesse, principalmente quanto à aprendizagem ativa, uma vez que prevalecia o método tradicional na instituição.

A partir do inventário de Kolb (1984) e buscando analisar se existe relação das variáveis idade, gênero e estilo de aprendizagem na percepção de alunos de ciências contábeis sobre a utilização de estratégias lúdicas, Oliveira, Raffaelli, Colauto e Casa Nova (2013) analisam uma amostra de 206 estudantes de uma universidade federal do sul do Brasil. Os autores encontram resultados significativos para os estilos de aprendizagem em relação à percepção sobre o uso das estratégias lúdicas. Isso destaca a importância da consideração dos estilos de aprendizagem para o planejamento de estratégias de ensino (Oliveira *et al.*, 2013). Já as variáveis idade e gênero não foram significativas.

Analisando os impactos da adoção de metodologias ativas no desempenho dos discentes de um curso de Ciências Contábeis de uma instituição de ensino superior mineira, Guerra e Ferreira (2016) analisam o desempenho de 156 alunos. A instituição de ensino em questão adotava sete técnicas no curso de ciências contábeis, quais sejam: Método do Caso, *Team-Based Learning*, *Problem-Based Learning*, *Peer-Instruction*, Júri Simulado, Metodologias para Projeto e Ensino Audiovisual. Durante o período estudado, 2011 a 2014, os resultados mostram que há evidências de influência das metodologias ativas para melhora no desempenho dos alunos.

Discutindo as estratégias de ensino aplicadas na área de contabilidade gerencial de discentes de duas instituições de ensino superior de Uberlândia-MG, Leal e Borges (2016) estudam qual a percepção de 271 alunos sobre as estratégias de ensino mais eficazes na área. As estratégias consideradas mais significativas para a aprendizagem foram o trabalho em grupo ou seminário, leitura ou estudo dirigido e a aula expositiva.

Aplicando o modelo de Felder e Soloman (1991) a 84 discentes do curso de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior federal mineira, Souza, Avelino e Takamatsu (2017) buscaram identificar os estilos de aprendizagem dos sujeitos da amostra. A partir da aplicação do Índice de Estilos de Aprendizagem foi possível identificar que a maioria dos discentes em análise possuíam preferências pelos estilos ativo, visual, sensorial e sequencial.

Já analisando os estilos de aprendizagem e o rendimento acadêmico na disciplina de análise de custos de uma instituição de ensino superior mineira, Borges, Leal, Silva e Pereira (2018) constataram a predominância dos estilos ativo, sensorial, visual e sequencial nos discentes do curso de ciências contábeis em questão. Foi possível ainda verificar maiores médias quando utilizadas avaliações individuais desses alunos, não havendo diferenças significativas para os estilos de aprendizagem.

Também aplicando o questionário de Felder e Soloman (1991), Araújo, Silva, Marques e Costa (2019) analisam o perfil de 133 estudantes do curso de ciências contábeis de uma das maiores universidades privadas do país. Predominaram, na amostra, os estilos, sensorial, visual, reflexivo e global. Além disso, os autores identificaram relação entre o período e a idade dos estudantes com os estilos de aprendizagem.

Analisando 441 respostas de professores, Nagib e Silva (2020) buscam identificar e analisar a relação entre a adoção de metodologias ativas, o ciclo de vida e a qualificação docente no ensino de graduação em ciências contábeis no Brasil. No estudo, os autores apresentam um diagnóstico da adoção de metodologias ativas. As metodologias ativas mais adotadas pelos professores da amostra são, respectivamente: aula expositiva dialogada, debate, método do caso, seminários, grupo de verbalização e observação, *Problem-Based Learning*, dentre outros.

Assim, percebe-se que as metodologias ativas possuem potencial para auxiliar o desenvolvimento das ciências contábeis no Brasil, na medida em que acompanha os avanços que vêm acontecendo na área. Observou-se ainda que a análise dos estilos de aprendizagem dos alunos pode ser um fator chave de avaliação para que se possa pensar e planejar estratégias de ensino para aplicação no ensino contábil brasileiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e informações levantadas por meio desta revisão bibliográfica, espera-se que tenha sido possível esclarecer os principais pontos contextuais sobre as metodologias ativas em sala de aula. Além disso, retrata-se, a seguir, algumas considerações que podem contribuir para o debate sobre o tema, tanto com professores quanto com alunos.

O processo de ensino-aprendizagem tem mudado cada vez mais com a sociedade de informação e comunicação, e, por isso, passa-se cada vez mais a utilizar diferentes e diversos canais externos. É a partir desses canais que capturamos informações para processar, articular e construir conhecimento a partir da vivência e do ambiente dos indivíduos. Assim, apesar de

não ter sido foco desta revisão, ressalta-se as questões psicológicas e afetivas envolvidas no processo de aprendizagem.

A individualidade desse processo e os estilos de aprendizagem tornam os sujeitos protagonistas do processo. Assim, entender essas diferenças pode auxiliar tanto professores quanto alunos. Os alunos, conhecendo seus estilos de aprendizagem, podem buscar um aprendizado mais atraente e motivador, priorizando suas formas particulares de aprender. Além disso, os alunos podem adaptar as propostas dos professores para formas que sejam mais direcionadas com seus estilos de aprendizagem. Os professores, sabendo dessas diferenças podem buscar uma mudança na concepção de aprendizagem e nas técnicas de trabalho, tentando alcançar uma abordagem mais didática de ensino.

Apesar dessas reflexões, reconhece-se a mudança no processo de ensino-aprendizagem para um ambiente educacional virtual e/ou online, bem como das possíveis deficiências das teorias que embasam os estilos de aprendizagem.

A pandemia do coronavírus forçou a mudança para o ensino e aprendizagem online, fatores que podem modificar para sempre a forma de enxergar a educação. Essas mudanças exigiram que os professores adaptassem suas formas de ensinar e que os alunos adaptassem suas formas de aprender em um espaço de tempo muito curto (Nogueira *et al.*, 2020; Scherer, Howard, Tondeur & Siddiq, 2021). Assim, ressalta-se que essas transformações resultam em variações das experiências desses professores e alunos, que carecem de futuras análises sobre o ensino online e sua adoção.

Já com relação às deficiências ou limitações das teorias ou abordagens que embasam os estilos de aprendizagem, destaca-se as críticas da possível não explicação da aprendizagem e do desempenho por essas teorias. Apesar do interesse na pesquisa sobre os estilos de aprendizagem, alguns problemas podem ser considerados críticos com as atividades desenvolvidas para escolas baseadas na teoria, como a falta de uma teoria explicativa, falha em vincular a instrução baseada nos estilos de aprendizagem ao desempenho, dentre outros, conforme ressaltado por An e Carr (2017). Assim, buscar o desenvolvimento de teorias e abordagens sobre os estilos de aprendizagem pode auxiliar na evolução da literatura e na prática educacional, buscando abordagens alternativas para explicar as diferenças individuais no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Alonso, C. M., Gallego, D. J., & Honey, P. (2002). *Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora*. 8.ed. Bilbao, España: Mensajero.

- An, D., & Carr, M. (2017). Learning styles theory fails to explain learning and achievement: Recommendations for alternative approaches. *Personality and Individual Differences*, 116, 410-416. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.04.050>
- Araújo, R. A. G. S., Silva, L. K. C., Marques, V. A., & Costa, J. W. (2019). Relação entre estilos de aprendizagem e características dos estudantes de ciências contábeis: Uma investigação a partir do modelo de Felder & Silverman (1988). *Revista Mineira de Contabilidade*, 20(3), 59-72. <https://doi.org/10.21714/2446-9114RMC2019v20net05>
- Barbosa, E. F. & Moura, D. G. (2014). Metodologias ativas de aprendizagem no ensino de engenharia. *Anais International Conference on Engineering and Technology Education*, Cairo, Egito, 13.
- Baumann, J. F. (1988). Direct instruction reconsidered. *Journal of Reading*, 31(8), 712-718. <https://www.jstor.org/stable/40032953>
- Berbel, N. A. N. (2011). As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 32(1), pp. 25-40.
- Borges, L. F. M., Leal, E. A., Silva, T. D., & Pereira, J. M. (2018). Rendimento acadêmico e estilos de aprendizagem: um estudo na disciplina análise de custos. *Revista Alcance (Online)*, 25(2), 161-176. <http://www.spell.org.br/documentos/ver/51893/rendimento-academico-e-estilos-de-aprendizagem--um-estudo-na-disciplina-analise-de-custos-/i/pt-br>
- Cassidy, S. (2004). Learning styles: An overview of theories, models, and measures. *Educational psychology*, 24(4), 419-444. <https://doi.org/10.1080/0144341042000228834>
- Cerqueira, T. C. S. (2000). *Estilos de aprendizagem em universitários*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1588328>
- Coffield, F., Moseley, D., Hall, E., & Ecclestone, K. (2004). Should we be using learning styles? What research has to say to practice. *Learning and Skills Research Centre*, London. <http://hdl.voced.edu.au/10707/64981>
- Coimbra, C. A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. (2017) In: Leal, E. A., Miranda, G. J., & Casa Nova, S. P. D. C. (2017). *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem*. Atlas.
- Costa, R. D., Souza, G. F., Valentim, R. A., & Castro, T. B. (2020). The theory of learning styles applied to distance learning. *Cognitive Systems Research*, 64, 134-145. <https://doi.org/10.1016/j.cogsys.2020.08.004>
- Dantas, L. A., & Cunha, A. (2020). An integrative debate on learning styles and the learning process. *Social Sciences & Humanities Open*, 2(1), 100017. <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2020.100017>
- Duff, A. (2004). The role of cognitive learning styles in accounting education: developing learning competencies. *Journal of Accounting Education*, 22(1), 29-52. <https://doi.org/10.1016/j.jaccedu.2003.09.004>
- Felder, R. M.; Brent, R. (2005). Understanding student differences. *Journal of Engineering Education*, 94(1), 57-72. <https://doi.org/10.1002/j.2168-9830.2005.tb00829.x>
- Guerra, C. J. O., & Teixeira, A. J. C. (2016). Os impactos da adoção de metodologias ativas no desempenho dos discentes do curso de ciências contábeis de instituição de ensino superior

- mineira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 10(4), 380-397. <http://dx.doi.org/10.17524/repec.v10i4.1437>
- Gungor, F., Kurtb, H., & Ekicic, G. (2014). The relationship between personality types and self-efficacy perceptions of student teachers. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 116, 786-790. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.298>
- Gwee, M. C.E. (2009). Problem-based learning: a strategic learning system design for the education of healthcare professionals in the 21ST Century. *The Kaohsiung Journal of Medical Sciences*, 25(5), 231-239. [https://doi.org/10.1016/S1607-551X\(09\)70067-1](https://doi.org/10.1016/S1607-551X(09)70067-1)
- Keirse, D., & M. Bates. (1984). *Please understand me: Character & temperament types*. Del Mar, CA: Prometheus Nemesis Book Company.
- Kolb, A. Y. (2013). *The Kolb Learning Style Inventory 4.0: A comprehensive guide to the theory, psychometrics, research on validity and educational applications*. Philadelphia, PA: Hay Group.
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Leal, E. A., & Borges, M. D. P. P. (2016). Estratégias de ensino aplicadas na área da contabilidade gerencial: um estudo com discentes do curso de ciências contábeis. *Revista Ambiente Contábil*, 8(2), 1-18.
- Leal, E. A., Miranda, G. J., & Casa Nova, S. P. D. C. (2017). *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem*. Atlas.
- Lima, F. D. P. M., Martins, R. X., & Ferreira, H. M. (2020). Reflexões sobre os processos didático-pedagógicos na educação superior: para além da moda das metodologias ativas. *Devir Educação*, 4(2), 149-169. <https://doi.org/10.30905/ded.v4i2.307>
- Madureira, N. L., Succar Junior, F., & Gomes, J. S. (2011). Estudo sobre os métodos de ensino utilizados nos cursos de ciências contábeis e administração da universidade estadual do rio de janeiro (UERJ): a percepção de docentes e discentes. *Revista de Informação Contábil*, 5(2), 43-63. <https://doi.org/10.34629/ric.v5i2.43-63>
- Messick, S. (1984). The nature of cognitive styles: Problems and promise in educational practice. *Educational psychologist*, 19(2), 59-74. <https://doi.org/10.1080/00461528409529283>
- Moran, J. (2015). Mudando a educação com metodologias ativas. *Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*, 2(1), 15-33.
- Moran, J. (2018). Metodologias Ativas para Aprendizagem mais Profunda. In: Bacich, L., & Moran, J. (2018). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Penso Editora.
- Moser, S., & Zumbach, J. (2018). Exploring the development and impact of learning styles: An empirical investigation based on explicit and implicit measures. *Computers & Education*, 125, 146-157. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2018.05.003>
- Moya, E. C. (2017). Using Active Methodologies: The Student's View. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 237, 672-677. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2017.02.040>

- Nagib, L. D. R. C., & Silva, D. M. D. (2020). Adoção de metodologias ativas e sua relação com o ciclo de vida e a qualificação docente no ensino de graduação em ciências contábeis. *Revista Contabilidade & Finanças*, 31(82), 145-164. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201909030>
- Nascimento, J. L., & Feitosa, R. A. (2020). Metodologias ativas, com foco nos processos de ensino e aprendizagem. *Research, Society and Development*, 9(9), e622997551-e622997551. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7551>
- Neuhauser, C. (2002). Learning style and effectiveness of online and face-to-face instruction. *The American Journal of Distance Education*, 16(2), 99-113. https://doi.org/10.1207/S15389286AJDE1602_4
- Nganga, C. S. N., Botinha, R. A., Miranda, G. J., & Leal, E. A. (2016). Mestres e doutores em contabilidade no Brasil: uma análise dos componentes pedagógicos de sua formação inicial. *REICE: Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 14(1), 83-99. <https://doi.org/10.15366/reice2016.14.1.005>
- Nogueira, D.R., Leal, E. A., Miranda, G. J., & Casa Nova, S. P. D. C. (2020). *Revolucionando a sala de aula 2: Novas Metodologias ainda mais ativas*. Atlas.
- Nolli, J. G., Giordani, M. S., Domingues, M. J. C. S., & Zonatto, V. C. S. (2019). Avaliação da aprendizagem em ciências contábeis: um estudo bibliométrico e sociométrico. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 11(2), 40-56. <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v11i2.65010>
- Oliveira, A. J., Raffaelli, S. C. D., Colauto, R. D., & Casa Nova, S. P. C. (2013). Estilos de aprendizagem e estratégias ludopedagógicas: percepções no ensino da contabilidade. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 6(2), 236-262. <https://10.14392/ASAA.2013060206>
- Ormazábal, I., Borotto, F. A., & Astudillo, H. F. (2021). An agent-based model for teaching–learning processes. *Physica A: Statistical Mechanics and its Applications*, 565, 125563. <https://doi.org/10.1016/j.physa.2020.125563>
- Penzias, A. (2020). Team Learning and Development Using the Myers-Briggs Type Indicator® and the Clifton StrengthsFinder®. *Journal of Radiology Nursin*, 39(2), 80-81. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jradnu.2019.12.013>
- Pozo, J. I. (2016). *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Artmed Editora.
- Pupo, E. A., & Torres, E. O. (2009). Las investigaciones sobre los estilos de aprendizaje y sus modelos explicativos. *Revista de estilos de aprendizaje*, 2(4). <https://doi.org/10.55777/rea.v2i4.887>
- Scherer, R., Howard, S. K., Tondeur, J., & Siddiq, F. (2020). Profiling Teachers' Readiness for Online Teaching and Learning in Higher Education: Who's Ready?. *Computers in Human Behavior*, 118, 106675. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106675>
- Schmeck, R. R., Ribich, F., & Ramanaiah, N. (1977). Development of a self-report inventory for assessing individual differences in learning processes. *Applied psychological measurement*, 1(3), 413-431. <https://doi.org/10.1177/014662167700100310>
- Silva, D. M. & Oliveria Neto, J. D. (2010). O Impacto dos Estilos de Aprendizagem no Ensino de Contabilidade. *Contabilidade Vista & Revista*, 21(4), 123-156. <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/810>
- Silva, J. F. (2018). Didática no Ensino Superior: estratégias de ensino adequadas à arte de ensinar. *Educação Por Escrito*, 9(2), 204-219. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2018.2.31275>

Smallwood, J., Fishman, D. J., & Schooler, J. W. (2007). Counting the cost of an absent mind: Mind wandering as an underrecognized influence on educational performance. *Psychonomic bulletin & review*, 14(2), 230-236. <https://doi.org/10.3758/BF03194057>

Smith, E. S. (2001). The relationship between learning style and cognitive style. *Personality and Individual Differences*, 30(4), 609-616. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00059-3](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00059-3)

Souza, L. M., Avelino, B. C., & Takamatsu, R. T. (2017). Estilos de aprendizagem e influência no processo de ensino-aprendizagem: Análise empírica na visão de estudantes de contabilidade. *Revista Ambiente Contábil*, 9(2), 379-400. <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2017v9n2ID10850>

Stanley, T. A. & Marsden, S. J. (2012). Problem-based learning: does accounting education need it? *Journal of Accounting Education*, 30(3-4), pp. 267–289. <https://doi.org/10.1016/j.jaccedu.2012.08.005>